

DISPUTAS POLÍTICAS: Pedro Ludovico Teixeira e Antônio (Totó) Ramos Caiado

Marilena Julimar Fernandes
Professora doutora – UEG/Pires do Rio
julimarfer@gmail.com

RESUMO: Nesse texto propõe-se, a partir da análise das fontes selecionadas – *Memórias*, de Pedro Ludovico Teixeira (1973), *Por esse Goiás afora ...*, de Joaquim Rosa (1974), Jornais, Revistas (como a *Informação Goiana*, *Revista Oeste*) e cartas – discutir os embates políticos entre Pedro Ludovico Teixeira e a família Caiado, especialmente Antônio (Totó) Ramos Caiado a partir dos conceitos memórias e sentimentos (ressentimentos, silêncios, esquecimentos, humilhação).

Palavras-chave: Disputas políticas; Pedro Ludovico; Totó Caiado.

ABSTRACT: In this text is proposed, based on the analysis of selected sources - *Memories of Pedro Ludovico Teixeira* (1973), *Goiás away ...*, by Joaquim Rosa (1974), newspapers, magazines (such as *Goiás Information West* magazine) and letters - discuss the political clashes between Pedro Ludovico Teixeira and Caiado's family, especially Antônio (Toto) Ramos Caiado from the memories and feelings (resentment, silence, forgetfulness, humiliation concepts).

Keywords: Political disputes; Pedro Ludovico; Totó Caiado.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo, por meio da análise dos discursos presentes nos jornais e nas obras tomadas como fonte, discutir, pautados nos conceitos de ressentimentos, esquecimentos, humilhações e silêncios, os embates políticos entre Pedro Ludovico Teixeira e os Caiados, a partir do final da década de 1920.

Foi com a “revolução” de 1909 que os Caiados assumiram o poder político em Goiás e permaneceram até 1930, quando ocorre a “Revolução de Trinta” e Pedro Ludovico assume o poder. Desde 1917, os Caiados possuem a hegemonia do Partido Democrata e, em 1928, consolida seu poder político em Goiás, dominando a estrutura do poder, tendo como chefe Antônio Ramos Caiado. A primeira derrota dos Bulhões, representada pelo isolamento de Leopoldo de Bulhões na política goiana em 1905, era a oportunidade para a consolidação dos Caiado como potência principal em Goiás. Em 1909, segundo artigo publicado no *Jornal Opção*¹, “Caiado e Bulhões estavam do mesmo lado”. O ano de 1912 foi decisivo para a consolidação do Partido Democrata como a principal fonte de poder e controle político-

¹<http://www.jornalopcao.com.br/posts/opcao-cultural/a-historia-panfletaria-de-goias> (acesso em 24/10/2012).

administrativo do Estado. Os Bulhões, alijados da agremiação, partem para a oposição. Já segundo Silva (1998, p. 230), entre 1909 e 1912, os Bulhões deram “os últimos suspiros como grupo político dirigentes em Goiás, ao mesmo tempo em que os Caiado tomaram fôlego para assumir a hegemonia política do Estado”.

Até então, tudo parecia correr bem para Totó na consolidação de seu projeto hegemônico. Mas, segundo Amorin (2012), “eis então que desponta a grande influência do chefe da Revolução de 1909: o coronel Eugênio Rodrigues Jardim, que contava com o prestígio político em âmbito nacional²”. Eugênio mantinha estreitas ligações com Hermes da Fonseca — presidente da República à época — e outras lideranças republicanas. Além disso, Eugênio Jardim era representante da família Jardim (presente em Goiás desde a segunda metade do século XVIII), irmão e muito amigo de Francisco Leopoldo, antigo desafeto de Antônio José Caiado e seu neto Totó, desde os tempos do Centro Republicano. Todavia, Eugênio e Totó apresentavam estreitos laços políticos e familiares. Aliaram-se desde o ingresso do primeiro na política estadual, após o seu retorno a Goiás em 1905, quando é reformado no posto de coronel. Ocorre que, a despeito dessa aparente harmonia, havia, sim, um conflito. A disputa não tomou caráter público, com intrigas panfletárias ou debates dentro do Partido Democrata, sendo relegada para as entrelinhas da história. A disputa pelo “controle maior” da política regional passava pelo domínio do Diretório Executivo do Partido Democrata, que, a partir da vitória na Revolução de 1909, passou a ser hegemônico em Goiás. Tal agremiação, em âmbito nacional, era filiada ao Partido Republicano Conservador (PRC). É interessante destacar que, ainda em 1912, de acordo com Amorin (2012), Leopoldo de Bulhões e Totó Caiado integravam o mesmo partido, sendo intensa a disputa entre as duas lideranças. Em fevereiro de 1912, Hermes da Fonseca determinou que fosse enviado um telegrama a Eugênio Jardim, pois, como Presidente da República, lhe entregava a direção da política em Goiás.

Eugênio Jardim elege-se presidente do Estado em março de 1921 e Senador Federal em 1924, sempre à frente dos desígnios da Comissão Executiva do Partido Democrata. Contudo, segundo Amorin (2012), o mesmo vem a falecer e “com sua morte Totó Caiado surge como a maior liderança política do Estado”. Contrapondo essa leitura, Silva (2005, p. 77) argumenta que o partido Democrata e o caiadismo foram homogêneos de

² Hélio Maurício de Amorin em entrevista ao Jornal Opção.

1912 a 1930 ressaltando que “as convenções do Partido Democrata era uma festa tranqüila, com reuniões e banquetes. Todos sabiam com antecipação o seu desfecho [...]”.

Contudo, em 1927, em Rio Verde, começa a surgir oposição aos Caiados e, de acordo com a autora, essa oposição não tinha um fundamento apenas eleitoral como ocorreu em momentos anteriores. “Ela configurava um desencontro entre poder econômico e poder político” (SILVA, 2005, p. 82) e, por isso, as novas dissidências não puderam ser controladas, como as anteriores. Ainda em 1927, dentro do próprio grupo dominante, começam a aparecer fissuras, abrindo espaço para a formação de um núcleo regional da Aliança Liberal. Para Silva (2005, p. 85), essa ruptura “configura uma oposição ao domínio oligárquico dos Caiado. [...] A ruptura no interior do grupo dominante desemboca na derrubada da facção caiadista em 1930”. No entanto, assim como as rupturas, as alianças acontecem, principalmente, por ocasião da formação das chapas eleitorais, quando os grupos oligárquicos voltavam a se articular, em torno de seus interesses econômicos, mantendo apenas as diferenças políticas por ocasião das eleições. Já em 1930, as rupturas oligárquicas, segundo Silva (2005, p. 85), “ganham contornos ásperos e as dissidências regionais se articulam com a Aliança Liberal, o que abre caminho para a ascensão das oposições ao poder, como resultado a chamada Revolução de 30”.

Segundo Freitas (2010, p. 138), durante os primeiros meses de 1929, oposicionistas do Sudoeste goiano articulavam-se com milícia particular de Manoel Balbino de Carvalho: “Carvalhinho [...] com vistas a implantar ambiente de terror que levasse a intervenção federal, o que não vem a acontecer”. Já nas eleições de Março de 1930, a vitória dos candidatos democratas foi, segundo a autora, “arrasadora [...]”. O candidato oposicionista mais votado, Pedro Ludovico Teixeira contabilizou [...] 14% do total” (FREITAS, 2010, p.382). Nesse contexto, Rosa (n.d, p. 33) lembra que “gente sem conteúdo de liderança virou líder, o líder virou revolucionário autêntico e saiu por aí falando grosso, de lenço vermelho no pescoço e turquez de capar garrote, catando caiadista nas frinchas dos esconderijos”. Contudo, apesar de todas as críticas, propostas e ataques da oposição, o governo venceu as eleições como se pode perceber na carta³ do Secretário do Conselho Municipal, de Rio Bonito, Lindolpho Alves Dias, dirigida ao “Exmo. Sr. Dr. Antônio Ramos Caiado: [...] esse Conselho aprovou por unanimidade uma moção de congratulações ao eminente chefe do Partido Democrático pela brilhante vitória de 1º de março.” A oposição goiana, representada por

³ Carta datada de 26/04/1930, disponível no Arquivo PL I – pasta 04 – Doc. dos Caiado em Goiânia .

Ludovico e apoiada pela oposição nacional, estava disposta a lutar para tomar o poder. Para tal, contou com o apoio armado do exército, que lutou ao lado das chamadas colunas Ludovico, formadas por forças civis goianas e por tropas militares mineiras.

Em Goiás, foi empossado por Getúlio Vargas, em 1930, um Interventor Federal, logo em seguida, formou-se uma junta governamental, composta pelos políticos goianos Mário D'Alencastro Caiado, Pedro Ludovico Teixeira e o Desembargador Emílio Francisco Póvoa. Essa junta durou pouco, pois foi nomeado, como Interventor Federal em Goiás, Pedro Ludovico Teixeira. No entanto, Rosa (n.d, p. 52) enfatiza que “a substituição de Ramos Caiado por Ludovico no comando político do estado não alterou a estrutura social vigente”. Encontrando dificuldade para enfrentar o grupo caiadista, os descendentes goianos vão aderir à Aliança Liberal. Para Silva (2005, p. 119), “formou-se a Aliança Liberal em Goiás do contato pessoal de elementos destacados da oposição goiana [...] Domingos Velasco, Americano do Brasil, entre outros, resultando desse encontro a adesão da oposição ao órgão central da Aliança Liberal”. Dirigido por Mário Caiado e Domingos Neto de Velasco, entre outros, o Comitê Liberal foi formado consolidando a posição das forças oposicionistas, contrapondo-se à política do Partido Democrata.

De acordo com Rosa (1974, p. 91), “Pedro Ludovico, pouco depois integrado ao quarteto, tenha tomado parte na história ele que, de resto, não passava de um político inexpressivo do sudoeste goiano. De fato é que a trinca Mário-Velasco-Nero tomou a frente da Aliança Liberal em Goiás”. Continuando, o autor ainda lembra que “aos três espadachins que a Revolução vitoriosa projetaria no cenário político do Estado, o quarto que iria colocar-se à frente deles: Doutor Pedro Ludovico Teixeira. Um pouco de cada um daquela tróica” (ROSA, 1974, p. 91). Em outro trabalho o autor⁴ lembra que o grande beneficiário pela ruptura de Mario Caiado com a família foi “o apagado médico do sudoeste fundador de mais uma truculenta oligarquia.” (ROSA, n.d, p. 09). O autor vai além e afirma que “arranhar a autoridade do chefe político nascido dos embates outubristas [...] que não houve, era mecher (*sic*) em casa de marimbondo goiano no tope das paineiras à beira dos cerrados” (ROSA, n.d, p. 33).

⁴Esse trabalho do autor, cujo título é *Por esse Goiás a dentro...* não foi publicado, tem-se acesso a uma cópia digitada, com as correções, sem data. Nas primeiras páginas traz um “esclarecimento” de que “o pretendido com os trabalhos - refere-se aos livros: *Por esse Goiás Afora* (1974) e de *Totó Caiado a Pedro Ludovico* (1980) - que se completa em artigos de jornais de Goiânia, é deixar registrados para que não . “se percam nos desvãos do tempo e do esquecimento coisas úteis aos pesquisadores da História de Goiás”.

Discutindo o papel do grupo dissidente em Goiás, Silva (2005), lembra que Mário Alencastro Caiado cria, na cidade de Goiás, em 1927, o jornal Voz do Povo, como veículo de suas reivindicações e, no sudeste goiano, o movimento é liderado, em Rio Verde, por Pedro Ludovico Teixeira. No entanto, a autora lembra que as oposições existentes em Rio Verde eram “obedientes à linha traçada por Mário Caiado, em a Voz do Povo”. (SILVA, 2005, p. 117). Esse jornal torna-se um dos principais veículos de oposição, tanto ao Partido Democrata, quanto aos Caiados.

Pedro Ludovico Teixeira X Antônio (Totó) Ramos Caiado

Em 1930, com a chamada “Revolução”, a oposição assume o poder e o nome de Pedro Ludovico Teixeira é indicado para interventor, pela própria Junta Militar, principalmente, segundo Freitas (2010, p. 573), de Mário Caiado, que gozava de prestígio em todo o estado, mas enfrentava “o *handicap* do próprio sobrenome. Como justificar uma revolução feita contra os Caiados que legitimasse um Caiado no poder?”. Quanto às questões partidárias, Rosa (n.d, p. 25) destaca que quando a “Velha República” chegou ao fim, apenas dois partidos apareciam nos noticiários dos jornais goianos: O Democrata, da oligarquia vigente, que tentaria sobreviver em 1934 e o Republicano de Goiás, “feito as pressas para atender as contingências da Aliança Liberal”. Com a Constituição de 1934, surgiram o Partido Social Republicano (PSR), “partido do Governador”, e o Partido Libertador Goiano, estruturado na cidade de Ipameri, “partido de oposição”.

Da ligação entre o Libertador e o Democrata surgiu a Coligação Libertadora, no entanto, esta mal sobreviveu às eleições daquele ano, ganhas “na marra por Pedro Ludovico, escorado na politicalesca máquina governamental” (ROSA, n.d., p. 25). Pensa-se, então, que artimanhas políticas foram utilizadas para que a vitória acontecesse e, nesse sentido, o jornal Voz do Povo⁵, no artigo *Impugnação à inscrição do Dr. Antônio Ramos Caiado como eleitor*, enfatiza que: “[...] vem impugnar a inscrição do dr. Antônio Ramos Caiado no alistamento eleitoral deste município pelos motivos [...] afastar da atividade política os elementos incompatíveis com os ideais da Revolução de 1930.” Por outro lado, o mesmo jornal⁶, no artigo *Dr. Pedro Ludovico*, destaca que: “[...] esse povo cheio de entusiasmo pela ampla

⁵ Ano VII, nº 275 de 02/04/1933, disponível no Arquivo Frei Simão na cidade de Goiás.

⁶ Ano VII, nº 281 de 13/04/1933, disponível no Arquivo Frei Simão na cidade de Goiás.

liberdade que lhes destes, de se poder manifestar livremente pelas urnas – direito que a prepotência e tyrania do Caiadismo lhe haveria usurpado no longo e angustioso perverso desses tenebrosos vinte anos de cativeiro.”

Em 1937, com o “Estado Novo”, o Partido Social Republicano deixa de existir, mas para o autor “dava no mesmo. O Partido era Ludovico. E Ludovico continuava com as rédeas nas mãos, comandando o setor político sem Constituição, do mesmo modo que Caiado o fazia com Constituição.” (ROSA, n.d., p.30). Várias correntes de pensamento contrários vão se aglutinar em torno da União Democrática Nacional, já os beneficiários se juntam, no Partido Social Democrático. O PSD, estruturado em 1945, tendo a frente Pedro Ludovico Teixeira, se organizou com os mesmos elementos do antigo PSR, tendo como figura central o Ludovico de sempre. Nesse aspecto, Freitas (2010, p. 808) argumenta que “o PSD – centralizado e autoritário – apresenta similitudes com o extinto Partido Democrata que, ironicamente, fora ardorosamente combatido pelo então oposicionista Pedro Ludovico Teixeira”

As disputas políticas, entre os Caiados e Ludovico, eram constantes na imprensa goiana. Nesse sentido, Rosa (n.d) considera que, após outubro de 1930, a quantidade de jornais, em Goiás, aumentou consideravelmente, no entanto, grande parte deles não teve duração, nem repercussão. Os jornais goianos estavam direcionados às questões políticas, já que a maioria deles eram dirigidos por chefes políticos, como por exemplo, *O Democrata* e *Voz do Povo*. O primeiro, chefiado por Totó Caiado e o segundo, inicialmente, dirigido por Domingos Velasco e, mais tarde, passa ao “controle” editorial de Pedro Ludovico Teixeira. Dessa forma, os jornais defendiam esta ou aquela linha política, em função dos interesses dos grupos que estavam no poder. Para o autor, “a imprensa não tinha sentido formativo ou informativa. Teria sentido espinhafato” (ROSA, n.d., p. 64), como observa-se nos referidos jornais. Ambos eram redigidos segundo os mesmos padrões e, muitas vezes, os nomes dos adversários eram substituídos por apelidos e essa característica era comum, também, entre correspondências trocadas, como, por exemplo, na carta dirigida ao “Dr. Pedro Ludovico”, por Elias⁷, relatando como ocorreram as eleições de 1933: “[...] julgava que os *sobas I e II*⁸ (grifo nosso) se intrometessem nas secções, mas surpreendido fiquei [...] nem sombra deles vi. [...] A noite emissários deles trocaram cédulas de nossos eleitores.” Essa mesma característica

⁷ Carta do dia 05/05/1933. Não foi possível identificar o sobrenome do remetente. Disponível no Arquivo Pedro Ludovico Teixeira em Goiânia. Arq. PL XIV – Pasta 27.

⁸ Refere-se a Antônio (Totó) Ramos Caiado e Brasil Caiado.

é observada no artigo *A Hora no Paiz*, publicado no jornal *O Democrata*⁹: “Os galos de briga da Aliança Liberal estão cacarejando”.

O discurso jornalístico produz sentidos por meio da utilização de imagens, de representações que constituem o imaginário social. Fazendo circular essas imagens, ela constrói, de acordo com Gregolin (2003, p. 96), “uma história do presente, simulando acontecimentos em curso que vêm eivados de signos do passado. [...] Poderemos entrever esses movimentos de resgate da memória e de estabelecimento do imaginário de uma identidade social”. É através do imaginário que se pode atingir os desejos, os medos e as esperanças do povo. É nele que as sociedades esboçam “suas identidades e objetivos, detectam seus inimigos e, ainda, organizam seu passado, presente e futuro” (GREGOLIN, 2003, p. 97). No entanto, é necessário atentar-se ao fato de que o que os textos/artigos jornalísticos apresentam não é a realidade, mas uma representação simbólica de sua relação com a realidade.

Ainda sobre o imaginário social, a autora argumenta que este se expressa por ideologias e “utopias, que se materializam em símbolos, alegorias, rituais e mitos” (GREGOLIN, 2003, p. 97). É nesse sentido que, tanto os Caiados, quanto Ludovico, recorriam aos jornais buscando a utilização de argumentos para “seduzir” os eleitores para seus respectivos interesses políticos. Se, por um lado, o jornal *Voz do Povo*¹⁰, em seu artigo *Rememorando o “já-começa” constitucional*, assevera que: “Temos fé que a peste caiadista não mais nos infestará” (p. 01), por outro, o jornal *A Pátria*¹¹, no artigo *De Goiaz desfazendo acusações*, destaca que: “[...] Quando houver acabado tudo que era Caiado outro engano. Nunca houve na administração estadual tanto Caiado como na atual. Começando por um dos membros da Junta Governativa, Dr. Mário de Alencastro Caiado.” Através destes textos/artigos, criam-se visões de mundo, tentando modelar as posturas políticas e os estilos de vida, como argumenta Gregolin (2003, p. 97): “em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças”.

Em relação ao papel dos jornais do período discutido, entende-se que estes eram utilizados, como argumenta Barbosa (2003, p. 113), “para legitimar as atitudes de uma autoridade política ou conferir tratamento pejorativo aos fatos a ela relacionados”. A imprensa cria, portanto, “heróis” e “bandidos”. Os textos/artigos dos jornais apresentam-se como uma

⁹ Ano XIII, nº 680. Goiaz, 11 de Outubro de 1930. Diretor: Antonio Ramos Caiado.

¹⁰ Ano VI, nº 223 de 14 de Fevereiro de 1932.

¹¹ 02 de Janeiro de 1939 – Acesso a um fragmento.

fonte privilegiada para compreensão das disputas políticas, com toda sua agitação e dispersão. Nesse sentido, pode-se destacar o artigo *Ora, ora seu Totó Caiado*, publicado no jornal Voz do Povo¹², ao enfatizar que: “[...] Totó Caiado na sua arrogância de sempre, tal qual como o cachorro bravo, no quintal ou na porta do seu dono. Fora de casa esse cachorro furioso [...] enfia o rabo entre as pernas e corre de qualquer careta que lhe faça”. Esse artigo, ao retratar Totó Caiado como um homem medroso e assustado, o expõe a uma situação de humilhação, afetando-o em sua honra, uma vez que sua bravura é contestada, sendo esta uma das características presentes nos homens das décadas de 1920 e 1930. Nesse sentido, Lopreato (2005, p. 249) atesta que “como valor moral, a honra é uma espécie de propriedade que não quer ser tocada” e, segundo Freitas (2010, p. 574), “a demonização de Totó Caiado foi deliberadamente construída por seus adversários”.

O que ocorre em Goiás, a partir dos anos de 1920, é uma tentativa, tanto de Ludovico, quanto dos Caiados, de impor uma “verdade” sobre as disputas políticas entre ambos. No entanto, Pedro Ludovico procura impor sua verdade, tentando silenciar as vozes dos seus adversários, através da censura dos jornais e quebra de tipografias, como nos lembra Rosa (1974). Ainda sobre o mesmo assunto, Freitas (2010, p. 813) assegura que “para silenciar os adversários, os situacionistas empregavam métodos de intimidação, que iam da pressão dos delegados de política a violência dos soldados, que batiam e prendiam, além de fazerem buscas em residências e locais de trabalho”.

Para compreender os pleitos políticos entre Ludovico e os Caiados, recorre-se à leitura de Courtine (2006), quando este discute a *Arte na mentira política*. O autor define mentira política como “a arte de convencer o povo, a arte de lhe fazer aumentar as falsidades úteis, e isso para alguma finalidade” (COURTINE, 2006, p. 36). Para o autor, existem três tipos de mentira política: a mentira da calúnia, da adição e da translação. A primeira, “é aquela pela qual se despoja um grande homem da reputação que adquiriu de direito, de medo que este (não) sirva ao detrimento do público” (COURTINE, 2006, p. 40). Já a segunda “dá a um grande personagem mais reputação que de fato lhe pertença; e isto para colocá-lo em estado de servir a alguma boa finalidade ou a alguma intenção que se tem” (COURTINE, 2006, p. 40). A mentira de translação “é aquela que transfere o mérito da boa ação de um homem a outro, que se vê com qualidades superiores” (COURTINE, 2006, p. 40). Nos entraves entre Caiados e Ludovico, nota-se tanto a mentira da calúnia, quanto a da adição,

¹² Ano II, nº 43 de 13 de Abril de 1928

pois ao mesmo tempo em que divulgavam “calúnias” nos jornais de oposição, Pedro Ludovico utilizava de várias imagens e representações para atingir o imaginário social, com objetivo de construir e reafirmar seu papel político. Nesse aspecto, Rosa (1974, p. 57) atesta que “a única diferença entre Caiado e Ludovico é que este enxergaria dois dedos a mais que o mestre Totó Caiado”.

Pedro Ludovico, em seu Relatório¹³, discorrendo sobre o período em que os Caiados governavam o Estado, expõe que “os adversários políticos da oligarquia, que se atreviam a manifestar as suas opiniões, corriam desde logo o risco de serem humilhados, perseguidos, presos, espancados e até fuzilados.” (p. 81). Já Rosa (n.d, p. 28), discutindo a situação política do Estado de Goiás com a administração de Ludovico, lembra que “as matreirices dos velhos tempos voltaram com roupagens novas, [...] outras manobras surgiram. Mais inteligentes, mais... técnicas. Que os métodos dos contraventores se aperfeiçoam na razão direta da coação exercida pela lei”. Entende-se que ambos procuravam se defender de boatos, acusações ou “mentiras políticas” caluniando ou humilhando o adversário. Nesse sentido, o sentimento de humilhação pode ser percebido de diferentes maneiras e, como ressalta Ansart-Dourlem (2005, p. 85), “responde diversos tipos de defesa [...]”.

Em relação aos Caiados, nota-se que, em meio às disputas políticas, os ressentimentos emergem pelo fato de perderem, ou estar perdendo sua posição historicamente privilegiada, no Estado de Goiás e, nesse sentido, concorda-se com Kontan (2004, p. 69), que considera “que o ressentimento é a dor por alguém possuir aquilo que também se possui”. Nesse ínterim, Galvão (2004, p. 325) assegura que o ressentimento “gera inquietudes e desconforto que possibilitaram ao indivíduo a atuar e participar minimamente do jogo político”. Quanto à atuação política dos Caiados, o jornal Voz do Povo¹⁴, no artigo *Rememorando o “já-começa” constitucional*, destaca que “o caiadismo [...] tinha que ruir.” (p. 01). O mesmo jornal¹⁵, no artigo *O caiadismo que se agita para queda*, enfatiza que “o caiadismo ingrato e impertinente que em Goyaz se agita enfurecido, piza agora as bordas de um abismo”.

Durante todo o período em que Pedro Ludovico ficou à frente das decisões políticas em Goiás, procurou construir e reforçar suas imagens de um homem íntegro, honesto, democrático e estas características foram apropriadas pelos jornais e, também, por

¹³ 1930-1933 para Getúlio Vargas. Capítulo VI – Força Pública.

¹⁴ Ano VI, nº 223 d 14 de Fevereiro de 1932.

¹⁵ Ano II, nº 68 de 05 de Outubro de 1928.

grande parte da historiografia goiana. Nesse sentido, recorre-se a Courtine (2006, p. 40), quando ressalta que “a mentira de adição dá a um personagem mais reputação que de fato lhe pertença, e isso para colocá-lo em um estado de servir a alguma boa finalidade ou alguma intenção que se tem.” No entanto, apesar de louváveis esforços, Ludovico não consegue conservar sua “verdade.” Nesse aspecto, a “Arte”¹⁶ era usada a fim de distingui-la da ação de dizer a verdade, para a qual parece que não há necessidade de arte”. (COURTINE, 2006, p.36). Ironicamente, o autor expõe que “o meio mais limpo e mais eficaz para destruir uma mentira é lhe opor a uma outra mentira” (COURTINE, 2006, p. 54).

Ainda sobre as “mentiras” políticas que circulavam os jornais, o artigo *Campanha nefanda*, publicado na revista Informação Goiana¹⁷, ressalta que “[...] desastrada impatriótica campanha derrotista que com a actual administração do nosso estado vem fazendo em certa imprensa que vive de publicar ‘mentiras sensacionais’ que lhe fornecem despeitados filhos dos Estados longínquos [...]” (p. 86). É importante destacar que, a partir da análise dos artigos/textos publicados na revista, percebe-se que a mesma apoiava Pedro Ludovico Teixeira. Ressaltando, mais uma vez, que, nas décadas de 1920 e 1930, os sujeitos Ludovico e Caiados viviam em constante debate ou divergências políticas, ou em oposição acerca do futuro político do Estado. Fernandes (2005, p. 20) assevera que “as posições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares”.

Essas “mentiras” políticas provocam, nos adversários, ressentimentos por “não poder agir, atormentado pelo sentimento de injustiça que a ausência de reparação aprofunda sem cessar” (ZAWADZKI, 2004, p. 377). No caso dos Caiados, esse “não poder agir” era reforçado pela censura, que era imposta aos jornais, por Pedro Ludovico e seus aliados, com objetivo de silenciar seus adversários, como já foi discutido anteriormente. Por outro lado, os jornais que apoiavam Ludovico, particularmente o Voz do Povo¹⁸, traziam, constantemente, artigos depreciando a imagem política dos adversários e justificava tal postura *como missão*, como pode-se perceber no artigo: *Os crimes do Caiadismo – como foi recebido o Senador Caiado pela imprensa do Paiz, dizem-nos os jornaes*: “Sua missão patriótica penosa tem sido a de focalizar crimes e despautérios do chefe do cacidismo goyano expondo aos olhos attônitos do público a hediondez de sua política sem entranhas, de maldades [...]”

¹⁶ O autor emprega Arte (com A maiúscula) para referir-se à mentira política.

¹⁷ Ano XII, vol. 41 de Novembro de 1928.

¹⁸ Ano III, nº não identificado, de 24 de Junho de 1929.

Entendendo os textos jornalísticos como um discurso político, nesse caso específico, recorre-se Fernandes (2005, p. 58) que assevera: “a ação política, em forma de discurso, apresenta valores ideológicos na construção de determinados espaços sociais. [...]”. Então, os artigos/discursos publicados nos jornais expressavam uma ideologia de determinados grupos políticos. Dependendo das direções dos jornais, esses discursos expressam “a formação de diferentes discursos que integram os processos de formação e transformação sociais próprias à existência do homem” (FERNANDES, 2005, p.48). Ou seja, “as transformações sofridas nas condições sociais manifestam-se nas produções discursivas, sempre marcadas pelo entrecruzamento de discursos e acontecimentos anteriores” (FERNANDES, 2005, p. 42).

Nesse contexto de disputas políticas, é interessante pensar nas estratégias utilizadas tanto pelos Caiados, quanto por Ludovico. Contudo, é importante compreender a palavra estratégia e, para tal, recorre-se à leitura de Foucault (1984). Para o autor, a palavra estratégia pode ser empregada em três sentidos: o primeiro, para “designar a escolha dos meios empregados para se chegar a um fim” (FOUCAULT, 1984, p. 247); já o segundo, para designar a maneira pela qual “um parceiro, [...] age em função daquilo que ele pensa dever ser a ação dos outros, e daquilo que ele acredita que os outros pensarão ser a dele [...] a maneira pela qual tentamos ter uma vantagem sobre o outro.” (FOUCAULT, 1984, p. 247); o terceiro sentido é empregado para “designar o conjunto dos procedimentos utilizados num confronto para privar o adversário dos seus meios de combate e reduzi-lo a renunciar a luta; trata-se dos meios destinados a vitória.” (FOUCAULT, 1984, p. 247).

Compreende-se, então, que os três sentidos de estratégia, discutidos pelo autor, podem ser atribuídos às disputas políticas entre Caiados e Ludovico. As estratégias foram utilizadas, cuidadosamente, por Ludovico, para escolher os meios que seriam utilizados para chegar a seu objetivo maior, que era dominar a política goiana, afastando os Caiados. Ludovico muito fez para tirar vantagens do momento político pelo qual passava, não apenas o estado, mas o país de uma forma geral. E, com esse objetivo, Ludovico utilizou de procedimentos diversos para dificultar o combate de seus adversários, tentando fazer com que os mesmos desistissem do embate, possibilitando, assim, sua vitória. Então, as estratégias são utilizadas nas relações de poder.

As disputas eleitorais de 1929 e 1933 são destaques dos jornais, principalmente, no Voz do Povo, no Democrata e nas cartas dirigidas tanto a Pedro Ludovico, quanto a Totó

Caiado. Em 1929, a carta¹⁹ dirigida ao Senador Antônio Ramos Caiado expõe que “[...] vir solicitar [...] que nos favoreça no alistamento eleitoral desse município de Crystalina. Tenho já alistado muitos eleitores em prol do nosso partido [...] o meu desejo é unicamente obter um bom número de eleitores para a eleição de março”. Nesse mesmo ano, o Voz do Povo²⁰, no artigo *O Sudoeste flagelado pelos agentes do governo – justiça contra o banditismo oficial*, enfatiza que “na história política de nossa terra, jamais assistimos ou tivemos notícia de um governo que tanto a infelicitasse e que tanto a degradasse aos olhos do mundo civilizado.” Compreende-se, então, que esses documentos (cartas) devem ser analisadas como pistas, através das quais, segundo Albuquerque Junior (2007, p. 24), se tenta rastrear o momento em que foram produzidos, isto é, “os interesses que estavam na raiz de dado acontecimento, os conflitos e as contradições que levaram à sua emergência”.

Levando-se em consideração que tais cartas foram escritas no momento de disputa eleitoral, cada remetente procura demonstrar seus interesses políticos, opiniões favoráveis a seus “correligionários” e contrárias a seus adversários. Essas cartas/documentos foram produzidas obedecendo a intencionalidades, ou seja, as evidências que em seu próprio tempo são fabricadas. Para Albuquerque Júnior (2007, p. 26), “as evidências são fabricadas pelos próprios procedimentos, aparatos e pressupostos teóricos e metodológicos do historiador”. Ainda, sobre as disputas eleitorais presentes nos jornais, O Democrata²¹, referindo-se aos jornais de oposição, traz a seguinte afirmação: “O povo cansado de ser ludibriado pelas promessas fallazes dos dirigentes de vehiculo das mentiras, que há um ano se vê contestado e desmascarado, em suas inverdades e embustes, já o olha com o nojo e desprezo que merecem todas as cousas asquerosas”.

Já em 1933, as disputas políticas acontecem de maneira um tanto diferenciadas, em virtude do que ocorreu em 1929, uma vez que, como será discutido no decorrer desta pesquisa, Ludovico encontrou maneiras de silenciar seus adversários, censurando jornais, destruindo tipografias e o principal jornal de oposição, O Democrata, foi extinto em 1930, logo após a “vitória” dos revolucionários. Mesmo assim, as “picuinhas” políticas ou boatos

¹⁹ Disponível no Arquivo Pedro Ludovico em Goiânia. Não identificado o remetente de 24 de Outubro de 1929. Arq. PL I – Pasta 03.

²⁰ Ano III, nº 101 de 24 de Maio de 1929.

²¹ Ano X, nº 502 de 30 de Junho de 1928.

eram constantes, como se pode perceber na carta²², dirigida a Pedro Ludovico Teixeira, da cidade de Campo Formoso:

Fui perseguido pelos políticos então dominantes [...] cuja perseguição foi ao ponto de ser eu exonerado do cargo de collector. Tudo supportei, esperando que um dia viesse a flor da realidade, e essa flor veio, com o triumpho da revolução. [...] Quero dizer a caiadesca [...] me postei ao lado da revolução [...] na esperança de melhores dias raiar.

70

As perseguições eram denunciadas por ambas as partes, tanto pelos aliados de Ludovico, quando pelos aliados dos Caiados. Muitas acusações dirigidas aos Caiados eram, segundo Freitas (2010), de autoria incerta; aspeto que pode ser reiterado pela recorrência a Albuquerque Junior (2007, p. 26) que destaca: “os fatos seriam apenas fabricações discursivas. [...] A realidade seria apenas uma construção narrativa, um efeito de realidade. [...]”. E esses fatos são construídos a partir das relações de poder, como enfatiza Fernandes (2005, p. 58): “são preenchidos politicamente por ideologia e, em conformidade com as mudanças que sofrem, diferentes vozes ideológicas enunciam construindo diferentes rumos na História”. Vislumbrando os diferentes rumos que tomou a História Política de Goiás, após 1930, com a construção de imagens positivas sobre Pedro Ludovico, reforçando aspectos negativos dos Caiados, por meio da seleção de fatos que deveriam ser ressaltos e muitos outros que foram esquecidos e silenciados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se, neste texto, enfatizar as disputas políticas entre Pedro Ludovico Teixeira e os Caiados, mais especificamente Antônio (Totó) Ramos Caiado, e para tal, buscou-se ressaltar que desde 1909 os Caiados, representados de forma mais expressiva por Totó Caiado, controlavam o poder político em Goiás, ocupando cargos importantes como deputado federal e governar do Estado. Contudo, a partir de 1930, com a chamada “Revolução” de 30, Pedro Ludovico Teixeira assume, nomeado por Getúlio Vargas, a interventoria do Estado, permanecendo a frente do governo de Goiás até por volta de 1945, quando se torna Senador da República. Em 1969 foi cassado pela Junta Militar, e teve seus direitos políticos suspensos por dez anos.

²²Não foi possível identificar o remetente da carta escrita em 11 de Setembro de 1933. Disponível no Arquivo Pedro Ludovico em Goiânia. Arq. PL XIV – Pasta 21.

Com o objetivo de compreender melhor essas disputas entre Ludovico e os Caiados, procurou-se entender como foi possível que Pedro Ludovico um homem, segundo nossas pesquisas, sem tradições políticas, pudesse silenciar politicamente uma família com uma longa trajetória governamental no Estado de Goiás, desde 1909. Para tal, recorreu-se a discussões sobre os ressentimentos, os silenciamentos, os esquecimentos, as humilhações, os não-ditos presentes/explicitos e ausentes/implícitos tanto nas obras tomadas como fonte, como também nos jornais que circulavam no Estado a partir da década de 1930, lembrando que grande parte desses jornais eram controlados por Pedro Ludovico.

Em meio a essas disputas políticas ocorria, entre Caiados e Ludovico, uma tentativa de impor “verdades” (a noção de “verdade” foi tomada, para o estudo em questão, como “vontade de verdade”, como um princípio que se apóia sobre um suporte – sociedade – e uma distribuição institucional – governo estatal –, exercendo sobre os discursos uma pressão, um poder de coerção). Dentro dessa perspectiva, tentou-se, então, observar as formas como Ludovico conduzia seus discursos numa tentativa impor “suas” verdades acerca dos Caiados; verificou-se, ainda, as formas de controle social que emergiam dessa produção discursiva. Pode-se constatar que a partir das práticas de Ludovico – que silenciava seus opositores “manchando” sua honra por meio dos discursos, da imprensa, das perseguições, entre outros – os Caiados tiveram seu discursos segregados, impedidos de circular, sendo destituídos de seus saberes e poderes. Portanto, nos dizeres de Ludovico, era recorrente a “Arte”, as estratégias para convencer “o povo” de suas qualidades, boas intenções, enquanto que utilizava o mesmo recurso para desfazer e humilhar os opositores. Nesse sentido, é importante ressaltar que Pedro Ludovico Teixeira atingiu seus objetivos, ou seja, silenciou e humilhou seus opositores a partir da década de 1930, levando-os a um ressentimento por não encontrarem espaço para expor suas opiniões.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *HISTÓRIA: A arte de inventar o passado*. Bauru - São Paulo: Edusc, 2007.

ANSART-DOURLEM, Michele. “Sentimento de humilhação e modos de defesa do eu. Narcisismo, masoquismo, fanatismo”. In: MARSON, Izabel e NAXARA, Márcia (org.). *Sobre a Humilhação: Sentimentos, Gestos, Palavras*. Uberlândia: EDUFU, 2005.

CAMPOS, F. Itami. *Coronelismo em Goiás*. Goiânia: Ed. da UFG, 1987.

COURTINE, Jean-Jacques de. *A Arte na mentira política*. Campinas: Pontes, 2006.

_____. *Metamorfoses do Discurso Político*: derivas da fala pública. São Paulo: Claraluz, 2006.

DARNTON, Robert. “Uma precoce sociedade da Informação: as notícias e a mídia em Paris no século XVIII”. In: *Varia História*. Belo Horizonte, nº 25. Disponível em: www.fafich.ufmg.br/varia/admin/pdfs/25p.9.pdf. Acesso em 16/01/2012.

72

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso*: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhos Urbanos, 2005.

_____. “Os sujeitos e os discursos na História”. In: _____. *Sujeito identidade e memória*. Uberlândia: EDUFU, 2004.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder”. In: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica*. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1984

FREITAS, Lena Castelo Branco de. *Poder e Paixão*: a saga dos Caiado. Goiânia: Câne Editorial, 2009. v 1 e 2.

GAGNEBIN, Janne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

GALVÃO, Carlos. “Autocracia, ressentimento e engajamento político”. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas - São Paulo: INICAMP, 2004

GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). *Discurso e Mídia*: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

KONSTAN, David. “Ressentimento – História de uma emoção.” In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas - São Paulo: INICAMP, 2004.

LOPREATO, Christina da Silva Roquete. “O respeito de si mesmo: humilhação e insubmissão”. In: MARSON, Izabel e NAXARA, Márcia (org.). *Sobre a Humilhação*: Sentimentos, Gestos, Palavras. Uberlândia: EDUFU, 2005.

MALATIAN, Teresa. “Cartas: Narrador, registro e arquivo.” In: *O Historiador e suas fontes*. PINSK, Carla Bassanezi e LUCA, Tânia Regina de. (orgs.) São Paulo: Contexto, 2009.

NAVARRO, Pedro. “O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente.” In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.

_____. *Estudos do Texto e do Discurso: Mapeando Conceitos e Métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 3ª Ed, Campinas - São Paulo: UNICAMP, 1995. (Coleção Repertórios).

73

_____. “Boatos e Silêncios: Os Trajetos dos Sentidos, os Percursos do Dizer.” In: *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas - São Paulo: Pontes, 2005.

ROSA, Joaquim. *Por esse Goiás afora...* Goiânia: Cultura Goiana, 1974.

SILVA, Ana Lúcia da. *A Revolução de Trinta em Goiás*. 2ª Ed., Goiânia: Cênone Editorial, 2005.

TEIXEIRA, Pedro Ludovico. *Memórias*. Goiânia: Cultura Goiana, 1973.

ZAWADZKI, Paul. “O ressentimento e a igualdade: contribuição para uma antropologia filosófica da democracia.” In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas - São Paulo: UNICAMP, 2004.